

«Paris em 1934», é um livro vigoroso, ardente, apaixonado, onde a personalidade forte do seu autor se desenha em coloridos cheios e traços largos, mais pròpriamente que a efémera cidade grandiosa, sujeita aqui à visão amarga, dolorida e apocalíptica dum homem valente, capaz de olhar o futuro pelo prisma das realidades mais desapidadas e chocantes.

Não é possível, diante de certas criações espirituais, abstrairmo-nos da individualidade que lhes deu vida, de tal forma o cunho pessoal as caracteriza e inconfundivelmente retrata a mão exaltada que as traçou e o cérebro ardente que as imaginou.

A. S., neste seu trabalho, mais do que Paris, mostra-nos as largas inquietações do seu espírito, os problemas intelectuais que o comovem e o agitam, as propensões da sua arte colorida, épica, poderosa, em que os pormenores se diluem na magia fantástica das côres, os homens são silhuetas ou sombras, e a própria cidade é a efémera construção dum minuto universal.

Esta visão de Paris parece ultrapassar o próprio objecto, para olhar sòmente a realidade fugaz das coisas, no plano do eterno. Não é o Paris dos turistas, a cidade-maravilha onde americanos filhos de ouro passeiam a ociosidade feliz e regalada, não é a «cidade da luz», «a glória da civilização», «a vanguarda da democracia», não é esse Paris monumental que arregala os olhos estranhos dos provincianos de todos os países, mas sim o Paris dos violentos contrastes, expoente duma hora de civilização, cuja grandeza perecerá, fatalmente, no esmagamento cruciante da vida, na lei fatal dos seus terríveis determinismos.

O Paris de A. S. não é uma cidade de pequenas belezas, de atracções que regalam e contentam, de encantos que satisfazem os

PARIS EM 1934 — por Abel Salazar, Pôrto — 1938

espíritos serenos e burgueses. A. S. vê esta cidade como o personagem de Volney viu as ruínas das cidades orientais, emocionado desejando penetrar no segrêdo da sua constituição, no espírito das leis históricas que presidem à gestação, desenvolvimento e morte duma grande urbe. É isto que encanta e assusta. É isto que perturba e comove, lendo o seu Paris... Vendo a cidade que nos descreveram com precisões e pormenores encantadores, agora pintada num colorido vibrante, mas onde se presente a vida amarga que encerra, para além das simples grandezas que os *bædæckers* nos descrevem.

«—Na feérie nocturna da Praça magnífica (Concórdia), tóda em fosforescência no azul profundo da noite, o vèlho obelisco, tão puro na sua forma elegante, recorda os vèlhos tempos, as vèlhas tragédias dos dias de outrora e compara...»

E à sua volta, no sempre mesmo ritmo da sempre mesma história, sempre igual e sempre diferente, como o arabesco sinuoso dum dançarino que se move no espaço, — à sua volta a humanidade agita-se em nova crise, fremente em nova angústia, perfeitamente igual, absolutamente a mesma que nos vèlhos tempos de Osiris.»

Há aqui uma coragem e um vigor que espantam, denunciando a faculdade prodigiosa de contemplar serenamente um espectáculo cuja realidade dura há milénios, desperada, brutal, arripiante, e que milénios durará no seu mesmo trágico fluir e refluir. E é aqui que mais se mostra a potência duma personalidade que se sente capaz de olhar

sem tremer as vibrações eternas da vida, e olvida as singelas e quem sabe se mais encantadoras fosforescências da existência. Éste é um rasgo da individualidade de Abel Salazar.

Não quero precisar que Paris de A. S. seja função duma análise subjectiva ou objectiva. Mas nota-se um subjectivismo poderoso que em si nada deprecia os factos, subjectivismo que é muitas vezes a faculdade de analisar as coisas nos seus aspectos mais íntimos e profundos, o que não quebranta o fremente realismo que possuem.

A erudição, que se manifesta prodigiosa, não o cativa. A paisagem é côr, côr. Observar que A. S. literariamente pinta, não é descoberta original; outros o disseram. Dir-se-ia que o artista se coloca num outro plano da vida, e que o que em baixo decorre é deslumbramento e feéria. Tudo para A. S. parece adquirir a função de símbolos. As multidões que seguem são símbolos que se arrastam. As mulheres, os edificios, os espectáculos, símbolos expressivos de um momento. Dir-se-ia haver crueldade quando pinta manipaços e quando se horroriza com as mulheres feias. Mas em A. S. tudo grita furiosamente, pedindo compreensão. Um intelectualismo apaixonado como o seu, terá a bossa própria do intelectualismo.

«Paris em 1934», reconstitui um pedaço da actualidade europeia, da angústia contemporânea, da vida intelectual que se manifesta sob um signo de renovação, analisa, desfibra, em rajadas de estilo heroico, épico e bem sonante, muitos conceitos que o senso comum estatuiu e o pensamento moderno lança para o montão das abstrações. É um documento duma época, e o espectáculo vivo duma personalidade.

J. S. L.

BUSSOLA DOIDA, por Aleixo Ribeiro — Colecção de autores modernos portugueses

António, o protagonista, compromete-se perante si próprio a fazer um severo balanço da sua vida. Começa pela infância, cheia de terrores e superstições. Tem um irmão implicative, uma mãe fraca e meiga, e uma vizinha chamada Joaninha, como a de Garrett. Entra no liceu. Interessa-se pela Joaninha e também por Albertina, filha duma costureira. Lê romances românticos, sonha-se príncipe ou marquês. A estreia do seu *smoking* marca uma data na sua vida. Tem ciúmes dum Rui. Vai *ai a certa casa* e é homem. Começa a preferir a Estela à Joaninha. Sonha uma mulher romanesca. Pondera as dores supérfluas e pueris desse período da sua vida e fala nas que lhe estavam destinadas. Frequenta as praias e enamora-se de Estela. De-

senjoa com a criada. Procura ansiosamente a mulher e conhece várias mulheres por dinheiro. Sente-se apaixonado sem saber por quem. É amante de D. Eduarda, «uma dama ilustre, muito polida, aristocrática». Pensa em casar. Lembra-se de Albertina e procura o noivo desta, Jorge, um pianista, para saber em que armazéns ela está empregada. Espera-a, sai-lhe ao caminho, mas é desajeitado. Atormenta-o a dor dum queixal. Sofre também do fígado. «Foi então que tive aquela mulher que ia muitas vezes comigo no eléctrico». Dispõe-se a começar a viver. Para

isso procura a Joaninha e encontra-a com Rui, o namorado. Declara-se a uma pequena que encontra sentada num banco de jardim e que vê pela primeira vez. Segue outras mulheres e fixa-se de novo em Estela, que o trata com sobrançeria. Começa a reparar em D. Efigénia, tia de Joaninha. O namoro desta com Rui segue, desenfreado. Declara-se a D. Efigénia, que lhe cai nos braços. Vão a Paris. A' volta surge o cansaço. Ele é um filho-família preso agora ao seu curso de medicina, e a liberdade que tomou faz-lhe medo. O pai repreende-o suavemente. Efi-

génia desaparece da sua vida. O Rui deixara a Joaninha. Procura consolá-la. Propõe-lhe casarem-se. Ela repele-o, enfurecida. Volta a ver Albertina. Decaiu moralmente. Tem um amante vulgar. Os remoques dum amigo encham-no de brio. E vai ter com Joaninha, desta vez para lhe propor que seja sua amante. Ela recusa-se. Mas pelo telefone, oferece-se. E' ele quem desiste. Tem outra amante. Estela casa com Rui. Joaninha casa com um qualquer. Pensa em fazer-se bandido. Procura Estela, assedia-a, vence-a. Ela pretende que ele tome um rumo na vida. Não consegue. O destino dêle é «dramatizar tudo e todos» que entram na sua vida. E para «dramatizar também a Joaninha», escreve-lhe a chamá-la. Ameaça-a de se